

## O PROCESSO DE MUDANÇA DAS PREPOSIÇÕES DOS VERBOS IR E VIR, ENTRE SINCRONIAS, NO PORTUGUÊS ESCRITO DE UBERABA.

Thamiris Abrão BORRALHO  
Juliana Bertucci BARBOSA  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
[thamiris.borralho@yahoo.com.br](mailto:thamiris.borralho@yahoo.com.br)  
[julianabertucci@gmail.com](mailto:julianabertucci@gmail.com)

**Resumo:** É inerente à estrutura da língua ser variável de acordo com as necessidades dos que a utilizam, de maneira que a língua falada ou escrita de sincronias passadas não é a mesma utilizada atualmente. Partindo desse pressuposto, é relevante um estudo que auxilie na caracterização do português escrito da cidade de Uberaba, como neste projeto: a relação existente entre os verbos *ir* e *vir* com as preposições que os acompanham. Tendo como base uma perspectiva de pesquisa descritivo-comparativa com ocorrências retiradas dos jornais “*Lavoura e Comercio*” dos anos de 1937 e na atualidade, 2010, nos jornais do “*Jornal da Manhã*”, em que a análise segue os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística laboviana (Weinreich, Labov, Herzog 2006 [1968]; Labov 1972, 1994).

**Palavras-chave:** Variação linguística; português mineiro de Uberaba; preposições.

### 1. INTRODUÇÃO

A língua portuguesa, como qualquer outra língua, sofreu e sofre variações e mudanças à medida que é utilizada por seus falantes. Devido ao fato de que é inerente a estrutura da língua ser variável de acordo com as necessidades dos que a utilizam, de maneira que a língua falada ou escrita em sincronias passadas não é a mesma que utilizamos atualmente.

Na variação sociocultural, especialmente no que se refere ao nível sintático, há um fenômeno que nos interessa pesquisar no Português Mineiro (PM) escrito da cidade de Uberaba: o emprego das preposições introdutoras de argumentos do verbo IR e VIR. Muitos estudos sobre emprego desses verbos e suas preposições no Português Brasileiro (PB) já vêm sendo realizados e revelam aspectos importantes quanto aos processos de regência verbal (Cf. MOLLICA, 1989; 1991; 1991; 1995; GOMES, 1996; RIBAS, 2007, BERLINCK, 2008 entre outros). Entretanto, existem ainda muitas questões sobre esse fenômeno linguístico a serem respondidas (estudadas), por isso, torna-se justificável um estudo que contemple a regência dos verbos de movimento.

Assim, para este artigo, buscamos apontar se em pouco menos de cem anos, o português escrito de Uberaba sofreu algum tipo de variação e/ou mudança no que tange a questão das preposições introdutoras de argumentos dos verbos de movimento IR e VIR. Para isso, realizamos um estudo em uma amostra de língua escrita composta por notícias de jornais escritas em Uberaba no início do século XX (especificamente, 1937), extraídas do jornal **Lavoura e Comercio** e no início do século XXI (especificamente, 2010) por meio do **Jornal da Manhã**.

Com o corpus selecionado, sob perspectivas sincrônicas distintas, procuramos traçar, nestes momentos, um estudo descritivo-comparativo, embasados pelos estudos de cunho variacionista. Dessa forma, todo o processo de estudo aconteceu por meio da análise linguística especificada por Labov (2008), em que foram feitos levantamentos estatísticos

quantitativos e qualitativos por meio da análise das ocorrências em relação aos fatores linguísticos descritos na seção 4 deste artigo.

Dessa forma, elencamos como objetivos específicos e norteadores de nossa pesquisa, os seguintes:

- a) investigar as preposições que acompanham os verbos de movimento **ir** e **vir** no português de Uberaba, buscando apontar os fatores linguísticos que influenciam o emprego dessas preposições no PM escrito uberabense dos séculos XX e XXI;
- b) contribuir para pesquisas linguísticas sobre o Português Mineiro Uberabense e auxiliar no ensino de Língua Portuguesa nos Ensinos Fundamental e Médio, uma vez que buscamos oferecer parâmetros de uso real da língua.

Tendo isso em mente, para embasar teoricamente nossos estudos, primeiramente, faremos uma breve explanação sobre a teoria da variação linguística e os estudos sobre preposições já realizados no Português Brasileiro (PB), buscando justificar a escolha do tópico gramatical em questão. Em seguida, apresentaremos a montagem e escolha do *corpus*, e discutiremos a análise dos dados.

## 2. A TEORIA VARIACIONISTA: SUCINTAS CONSIDERAÇÕES

A variação linguística, de acordo com Mollica (2004, p.10), é “um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”. A autora parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Logo, podemos notar a variação linguística sob os ângulos estruturais (fatores linguísticos) e sociais (extralinguísticos).

Dessa maneira, podemos afirmar que a variação linguística é motivada e acontece quando temos duas ou mais variantes em competição, em que uma será tida como a forma mais aceitável e mais usada pelos falantes. Para clarificar a distinção entre variante e variável, temos a seguinte concepção de Mollica:

Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. A concordância entre o verbo e o sujeito, por exemplo, é uma variável linguística (ou um fenômeno variável), pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância (MOLLICA, 2003: 11).

Em outras palavras, percebemos que a variável é entendida como um aspecto da língua que pode variar em relação ao uso alternado de variantes, estas que são as possibilidades de escolha do falante. Neste momento vale ressaltar que não existem variantes semanticamente iguais, ou seja, com o mesmo valor de verdade linguística, entretanto, as variantes se configuram como alternativas no sistema linguístico.

De acordo com o que vimos até então, nós salientamos a relevância da questão do uso da língua pelos falantes e não por prescrições estabelecidas pelos gramáticos normativos, de maneira que vamos analisar a língua em uso, sob a perspectiva de língua real e não de língua e falante ideal.

Sobre a variação em processo, vemos que, de acordo com Castilho (2010, p.88) “a mudança das estruturas põe o problema da transição, isto é, há estágios intermediários nessa mudança, os quais podem ser empiricamente observados e controlados, visto que “uma mudança linguística pode ocorrer numa gradação discreta” (Weinreich / Labov / Herzog, 1964, p.170)”.

Devido a esses fatores, a mudança linguística não é imediatista e não é considerada como mudança se um número significativo de falantes, dentro de uma comunidade linguística, não assumir essa variante como possível no sistema linguístico. Colocamos como “possível” e não “aceitável” por causa do preconceito que permeia a língua, especialmente em relação ao que se pregam as gramáticas normativas.

Pensando ainda sobre a língua, temos, também com os estudos de Castilho (2010), a seguinte explanação acerca da constituição intrínseca das línguas:

As línguas são constitutivamente heterogêneas, pois através delas temos de dar conta das muitas situações sociais em que nos envolvemos, em nosso dia a dia. Elas são também inevitavelmente voltadas para a mudança, pois os grupos humanos são dinâmicos, e as línguas que eles falam precisam adaptar-se às novas situações históricas. (...) Para se comunicar com eficiência, eles fazem diferentes escolhas no multissistema linguístico, as quais deixarão marcas formais em sua produção linguística. (...)

Em características sociais involuntárias (sua origem geográfica, nível sociocultural, idade, sexo) e por escolhas voluntárias (seleção de um canal para a comunicação, seleção de um registro adequado à interação). (CASTILHO, 2010, p.197)

Consonante ao que foi afirmado anteriormente, podemos ressaltar que a escolha do falante por uma determinada variante em detrimento de outras não é aleatória, mas sim motivada por razões tanto linguística quanto extralinguísticas, entretanto, isto não se limita à oralidade, pois também acontece na escrita. A essa ideia, temos que associar o fato de que para se trabalhar com sincronias passadas, como no caso deste trabalho – a língua na década de 30 – devemos recorrer a textos escritos, devido, como já afirmava Labov (1972), a ausência de falantes dessa época.

De tudo o que foi elencado até aqui, percebemos que a língua é constitutivamente heterogênea, que ela muda graças às necessidades dos falantes e que por isso, de épocas em épocas, em pelo menos um segmento da língua haverá variantes que podem desencadear uma mudança linguística, ou seja, uma variação linguística.

## 2.1. As preposições sob a ótica variacionista

A escolha das preposições como objeto do estudo não foi ocasional. Como já ressaltado, vários estudos variacionistas têm analisado o emprego das preposições no PB em diferentes épocas e variedades linguísticas, como por exemplo: a realização do objeto indireto no português brasileiro contemporâneo (BERLINK 1996, 1997, 1998), o percurso diacrônico desse tipo de complemento (BERLINCK 2000, 2001A, 2001B; TORRES-MORAIS, BERLINCK 2006), a variação de preposições introdutoras de argumentos em documentos do português paulista do século XIX (BERLINCK 2000b, 2003a,b, GUEDES, BERLINCK, 2003), preposições no português quinhentista do Brasil (BERLINCK, 2006, 2007), entre outros.

Podemos afirmar, com base nessas várias pesquisas, que o interesse por estudar as preposições se justifica, primeiramente, pela importância que essas partículas assumiram na língua portuguesa, e nas demais línguas românicas, sendo responsáveis, em grande maioria, pelo estabelecimento de relações sintático-semânticas no nível da sentença.

Um estudo relevante sobre as preposições A e PARA que acompanham o verbo IR foi de Mollica (1989; 1991; 1991; 1995), cuja análise da regência do verbo “ir” (ir *ao* Maracanã / Eu ia *pró* sítio do meu tio/Meu pai que ia *no* açougue) aponta para a hierarquização entre as três variantes: a preposição **a** é mais recorrente que **para**, seguindo-se, então, da preposição

em (MOLLICA, 1996), evidenciando a importância de fatores de natureza semântica. A instabilidade do sistema preposicional fica evidente ainda na tendência à inserção da preposição **de** em contextos em que não se prevê sua ocorrência (dequeísmo : Basta *dizer* isto: *de que* esta metáfora das luzes é exclusiva do século XVIII) ou de sua queda em contextos onde é esperada (queísmo: Ela não *gosta que* interrompam a aula para pedir explicações) (MOLLICA, 1989; 1991; 1991; 1995), cujos aspectos nos faz acreditar que seja um caso de hipercorreção.

Outro estudo, de Berlinck e Bueno (2008), retomando a análise de anúncios e cartas de leitores de revistas femininas das décadas de 60 e 90 de Torres-Morais e Berlinck (2006), relembra que o processo de mudança efetivamente caminha nesse sentido: uma “queda” significativa do uso da preposição A em relação à preposição PARA durante as décadas de 60 e 90. Essa constatação pode ser observada na **Tabela 1** abaixo:

**Tabela 1:** Resultados apontados por Berlinck e Bueno (2008).

Período	Preposições			
	A		PARA	
	%	Peso relativo	%	Peso relativo
Década de 60	70%	.71	30%	.29
Década de 90	48%	.30	52%	.70

(Fonte: BERLINCK e BUENO, 2008, p.8)

Berlinck e Bueno (2008) apresentam ainda, em seu artigo, resultados preliminares sobre a análise de preposições, principalmente, encontrados em **notas sociais** e **editoriais** no jornal **Getulino**<sup>1</sup>. As autoras, com base nos argumentos de Berlinck, Barbosa e Marine (2008) destacam a importância de se conhecer os gêneros textuais usados como *corpus* e assumem que os textos categorizados como **editorial** representariam um grau maior de formalidade que a **nota social**. Sendo assim, com essa hipótese, acreditavam encontrar, em **editoriais**, um emprego mais acentuado da preposição A introduzindo complementos verbais. Para Berlinck e Bueno, na medida em que o uso do A constitui a variante mais conservadora nesse processo de variação, a formalidade deveria favorecer o seu emprego. Entretanto, não foi o que se observou como mostra a **Tabela 2** a seguir:

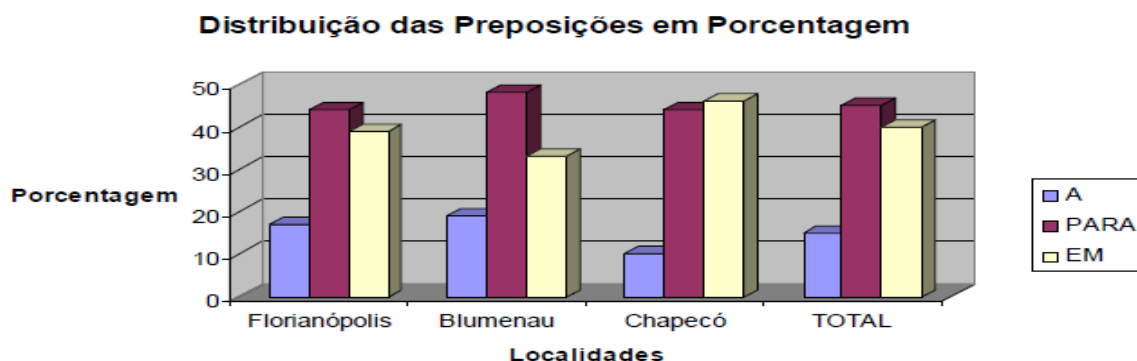
**Tabela 2.** Uso da preposição A segundo o gênero do texto, no **Getulino**

Ocorrências da Preposição A	%	Peso Relativo
Notas Sociais	81%	0,52
Editoriais	75%	0,44

Outro aspecto apontado pelas autoras na caracterização do uso variável da preposição foi a natureza semântica do referente do complemento, fator de análise que também utilizaremos ao analisar os nossos dados.

<sup>1</sup> O **Getulino** foi um jornal com periodicidade semanal, publicado em Campinas –SP, que circulou entre 1923 e 24.

Outra pesquisa relevante é a dissertação de Wiedemer (2008), em que ele analisou também o uso de ambas as preposições (A e PARA) no dialeto catarinense de três cidades – Blumenau, Chapecó e Florianópolis –, e verificou um número maior de ocorrências com a preposição PARA em relação a preposição A, como mostra o gráfico abaixo:



**Gráfico 1:** Distribuição das preposições no trabalho de Wiedemer

(Fonte: WIEDEMER, 2008, p.86)

Contrariando esses resultados, podemos citar a pesquisa de Ribas (2007) sobre a regência em verbos de movimento, em um *corpus* do PB composto por editoriais e reportagens da revista Criativa, da Editora Globo, publicadas entre os anos 1995 e 2005, na qual ele revelou que o uso de tais verbos, pelo menos na grande maioria das vezes, está em consonância com o que prescreve a gramática tradicional, ou, pelo menos, não vai ao encontro daquilo que ela descreve como incorreto.

Com base no que foi apresentado, podemos observar que pesquisas como de Torres-Morais e Berlinck (2006) e Wiedemer (2008), apontam uma “preferência” do uso da preposição PARA, às vezes EM, tanto em textos da modalidade escrita como da modalidade oral.

Em contrapartida, outras pesquisas como de Berlinck e Bueno (2008), que destacam que no início do século XX, em jornais escritos em Campinas, havia uma alta porcentagem de emprego da preposição A (81% em notas sociais, texto menos formal) e a de Ribas (2007), que observa uma alta ocorrência de preposição A em revistas (escritas em 1995 e 2005), revelam que o emprego das preposições em textos escritos não foge ao que prescreve a gramática tradicional.

Estes e outros apontamentos tão importantes nos motivam e nos levam a questionar se essas variações também podem ser observadas nas preposições que acompanham os verbos IR e VIR no Português Mineiro escrito de jornais da cidade de Uberaba ou se o uso dessas preposições não contraria o que indicam as nossas gramáticas normativas.

Oportunamente, cabe mencionar que a escolha dos verbos de movimento também não foi aleatória, visto que esses verbos, nas diversas construções frasais em que são empregados, utilizam-se de diferentes preposições introdutoras de argumentos, como por exemplo, os verbos podem aparecer com as preposições a, para, em, de, com, entre outras. Dessa forma, eles nos oferecem um âmbito de situações vasto para a nossa análise.

Antes de propor uma definição para verbos, Borba (2003) e até mesmo alguns gramáticos, como Rocha Lima, explanam sobre a transitividade dos verbos. Rocha Lima afirma que:

O complemento forma com o verbo uma *expressão semântica*, de tal sorte que a sua supressão torna o predicativo incompreensível, por omissão ou

incompleto. Em função do tipo de complemento que requerem para formar uma *expressão semântica*, assim se podem classificar os verbos: intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos relativos, transitivos circunstanciais, bitransitivos. (ROCHA LIMA, 2003, p.340)

Com isso, encaixamos os verbos de movimento como sendo essencialmente transitivos circunstanciais, de maneira que esses verbos exigem, ainda de acordo com Rocha Lima, um “complemento de natureza adverbial” que podem indicar, entre outros casos, um lugar (Vamos à praia), uma pessoa (Voltamos com os primos), um objeto (Viemos de carro).

Partindo dessas perspectivas, fica evidente que o campo de análise das preposições é relevante, pois são várias as preposições que acompanham os verbos de movimento IR e VIR. Além disso, a escolha de uma preposição em detrimento de outras não acontece ocasionalmente, pondo, assim, nossa pesquisa como relevante na busca das razões motivadoras dessas escolhas.

### 3. AS AMOSTRAS DO PORTUGUÊS MINEIRO ESCRITO DE UBERABA

Escolhemos o suporte textual “jornal”, pois ele é composto por gêneros diferenciados em sua própria estrutura, como a notícia, as cartas do leitor e as notas sociais, além de propagandas. E também porque ele tem uma linguagem essencialmente acessível devido ao fato de ter que ser lido por diferentes tipos de leitores.

Diante disso, segundo Barbosa e Balsalobre (2008), os textos presentes no jornal “geralmente não considera o ideal de correção gramatical em favor de uma expressão direta em que se neutralizam os diferentes níveis de linguagem”. Isso se corrobora ainda nos estudos de Berlinck e Bueno:

O texto jornalístico, a nosso ver, constitui um espaço privilegiado para analisarmos processos de implementação de mudanças. Trata-se de um texto público, que tanto atua sobre os componentes da situação sócio-histórica ao qual está vinculado, quanto sofre influências dessa situação. Tem, assim, um duplo papel de agente e paciente. Parece-nos que essa dualidade faz dele uma fonte muito rica para se avaliar a expressão da **norma (linguística) prescritiva** - socialmente prestigiada - e, ao mesmo tempo, detectar características inovadoras da(s) **norma(s) objetiva(s)**, que, de tão presentes no uso, começam a ser incorporadas à escrita menos formal. Ou seja, o vínculo que mantém com a realidade social, condição de sobrevivência para o jornal, determina que o texto seja dinâmico, podendo, em um certo grau, refletir a dinamicidade da língua.

Pelos fatores acima elencados, percebemos que é essencial para o jornal manter a sua linguagem mais próxima da realidade social na qual ele está inserido, ou seja, ele utiliza de formas linguísticas que nem sempre são aquelas prescritas nas gramáticas.

Para este artigo, dentre as várias possibilidades de gêneros textuais presentes nos jornais, optamos pelas “notícias de jornais” extraídas de dois jornais publicados na cidade de Uberaba: o **Lavoura e Comercio** (textos que circularam no ano de 1937) correspondendo ao início do século XX, e o **Jornal da Manhã** (textos que circularam no ano de 2010/2011), que acompanha e notícia, o dia a dia de Uberaba atualmente, ou seja, no início do século XXI.

O jornal **Lavoura e Comercio** foi fundado no dia 6 de julho de 1899, por pequenos e grandes produtores rurais. Mas em 2003, o tradicional jornal chegou ao fim depois de cento e quatro anos de histórias. Ele foi por um longo período a expressão e o perfil de Uberaba e região, entre três séculos distintos. A credibilidade do impresso se traduzia na máxima que marcou época: "Se o Lavoura não deu, em Uberaba não aconteceu".



Figura I: Lavoura e Comercio (1937)



Figura II: Jornal da Manhã (2010)

Em contrapartida o **Jornal da Manhã** foi fundado aos 25 de julho de 1972, com sua linguagem própria, ele priorizou o noticiário sobre a cidade e a região de influência, participando no processo de desenvolvimento de Uberaba e Triângulo Mineiro. Atualmente, o Jornal da Manhã circula em Uberaba e municípios vizinhos.

Cabe mencionar que os exemplares do **Lavoura e Comercio** encontram-se no Arquivo Público de Uberaba e as amostras utilizadas foram extraídas de jornais digitalizadas pelo grupo de pesquisa GEVAR (Grupo de Estudos Variacionistas)<sup>2</sup>. Já os exemplares do **Jornal da Manhã** foram comprados e arquivados à medida que nos forneceram ocorrências para o *corpus*.

#### 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E OS FATORES DE ANÁLISE

Consonante à teoria da variação linguística, sob a perspectiva de análise de Labov, nosso artigo examinou os dados de acordo com a metodologia variacionista, sucedendo-se da seguinte maneira:

- (a) o levantamento de uma amostra representativa dos verbos de movimento IR e VIR – e suas respectivas preposições – extraídas da amostra do Português Mineiro (PM) de Uberaba;
- (b) a análise de acordo com um grupo de fatores definidos a partir de hipóteses;
- (c) a quantificação dos dados analisados estatisticamente.

De posse do nosso *corpus*, descrito na seção 3 deste artigo, selecionamos cem ocorrências, das quais cinquenta foram do verbo IR e cinquenta do verbo VIR. Posteriormente, esses dados foram analisados de acordo com os seguintes grupos de fatores:

**a) o tipo de preposição:** elencar qual preposição está acompanhando os verbos IR e VIR. Como podemos notar nos exemplos abaixo, diferentes preposições podem introduzir os argumentos desses verbos:

- (01) “onde vai **a** passeio” (Lavoura e Comercio, 02/04/1937)
- (02) “Uberaba inteira veio **para** a rua” (Lavoura e Comercio, 02/01/1937)
- (03) “A distinta educadora veio **em** companhia de seu digno irmão sr. Julio Emrich” (Lavoura e Comercio, 04/01/1937)
- (04) “[...]o Imperador foi **à** Gávea[...]
- (05) “[...]Diego Sousa iria **para** o Beira-Rio[...]
- (06) “[...]vai **até** o dia 23[...]

<sup>2</sup> Dentro deste grupo existe um projeto, viabilizado pela professora Doutora Juliana Bertucci Barbosa, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, que busca digitalizar jornais do início do século XX da cidade de Uberaba, contribuindo para a preservação de patrimônio histórico e para a organização de um banco de dados com textos do Português Mineiro (PM) e formar um material que documente períodos da história da cidade de Uberaba.

**b) momentos sincrônicos analisados:** observar as ocorrências mais recorrentes na sincronia passada (início do século XX) ou nos textos escritos no ano de 2010.

**c) a forma de SN: pronome, SN pleno, zero:** observar se o sintagma nominal (SN) que acompanha o verbo é composto por pronome, substantivo comum e/ou nomes próprios, (SN pleno) ou é “zero” (quando ocorre uma elipse da pessoa que conjuga o verbo), e se a escolha por um desses sintagmas pode estar associada ao emprego de uma ou outra preposição. Exemplos:

(07) “Agradeço-lhe de coração, e o convido para provar, qual o dia em que **êle** foi a minha residencia, em minha procura e que eu não o quizesse servir.” (Lavoura e Comercio, 10/02/1937). (SN pronome = **ÊLE**)

(08) “**A sra. Darci Vargas** vai a Poços de Caldas fazer uma estação de águas.” (Lavoura e Comercio, 13/02,1937). (SN pleno = **A sra. Darci Vargas**)

(09) “Aportando ao Rio de Janeiro, em março de 1808, foi um de seus primeiros cuidados chamar todos os musicistas de reconhecido valor, para com êles, e mais alguns ilustres mestres propositalmente feitos **Ø vir** do Velho Mundo [...]” (SNzero = **Ø**)

**(d) o complemento verbal:** a natureza semântica do referente do complemento (o N locativo) e as preposições utilizadas. Dividimos em quatro grupos, com as seguintes propriedades semânticas:

(i) [lugar/ instituição]

(10) “Iremos à **convenção nacional**, que convocará todas as correntes democráticas para a escolha do candidato. [...]” (Lavoura e Comercio, 10/02/1937)

(ii) [lugar/ espaço sócio-geográfico]

(11) “[...]S. s. vem **de Belo Horizonte e Rio de Janeiro** [...]” (Lavoura e Comercio, 07/01/1937)

(iii) [finalidade]

(12) “Acompanhada de suas gentis filhas, senhoritas Ligia e Nidia Rosa, seguiu hoje para S. Paulo, onde vai **a passeio**, a exma. sra. d. Adelina Ferreira Rosa, distintíssima esposa do nosso presado amigo sr. Celso Rosa, representante desta folha.” (Vida social, L&C – Abril – 02 – (3)).

(iv) Outro traço semântico

(13) “Esse benemerito missionario, natural de Tenerife, nas Canarias, transferiu-se para o Brasil em 1533, contando apenas vinte anos de idade. Veio **em companhia de mais quinze sacerdotes jesuítas e do segundo governador geral D. Duarte da Costa.**” (Lavoura e Comercio, 09/01/1937).

## 5. ANÁLISE DOS DADOS

Após o levantamento bibliográfico que embasa esta pesquisa, selecionamos cem ocorrências do verbo IR e do verbo VIR em nosso *corpus*. Posteriormente, esses dados foram analisados quantitativa e qualitativamente de acordo com fatores linguísticos descritos na **seção 4**. As 100 ocorrências estão distribuídas da seguinte forma:

**Tabela 1:** Número de ocorrências encontradas em nosso *corpus*

Momento sincrônico 1937 (século XX)	Momento sincrônico 2010 (Século XXI)
--	---



<b>IR</b>	25	25
<b>VIR</b>	25	25
<b>Subtotal</b>	50	50
<b>TOTAL</b>	100 (100%)	

Como podemos observar, optamos por selecionar de forma equiparada as ocorrências dos verbos IR e VIR, pois nosso foco são as preposições que aparecem acompanhando esses verbos, ou seja, observar quais são preposições que introduzem os argumentos desses dois verbos, comparando as suas ocorrências e seus empregos em dois momentos distintos do português escrito de Uberaba: 1937 e 2010.

Fazendo o cruzamento de dados do grupo de fator “**tipo de preposição**” com o grupo “**momento sincrônico**”, encontramos as seguintes preposições acompanhando o verbo IR:

**Tabela 02:** Preposições utilizados com verbo IR.

PREPOSIÇÕES	SÉCULO XX (1937)		SÉCULO XXI (2010)	
	No ocorrências	%	No ocorrências	%
<b>A</b>	20	80%	12	48%
<b>PARA</b>	1	4%	9	36%
<b>DE</b>	1	4%	0	0
<b>EM</b>	2	8%	0	0
<b>ATÉ</b>	0	0	1	4%
<b>COM</b>	1	4%	2	8%
<b>CONTRA</b>	0	0	1	4%
<b>TOTAL</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>

Analisando a tabela 02, e comparando os dois momentos do PM de Uberaba (1937 e 2010), é possível notar uma queda significativa no uso da preposição A e um aumento expressivo no uso da preposição PARA, de maneira que percebemos uma variação em progresso, na qual a preposição PARA era, em 1937, irrisoriamente usada, e nos anos de 2010 passou a ser mais utilizada que a preposição A. Observamos também um pequeno aumento, de 4% para 8%, do uso da preposição COM introduzindo argumentos com traço semântico “+companhia” (nesta pesquisa, este traço ficou listado dentro do item “outros traços semânticos”), como em: (15) “A conquista veio **com** a vitória sobre o Uruguai.” (Jornal da Manhã, 27/03/2010).

Adiante vemos as preposições que acompanham o verbo VIR:

**Tabela 03:** Preposições utilizados com verbo VIR.

PREPOSIÇÕES	SÉCULO XX (1937)		SÉCULO XXI (2010)	
	No ocorrências	%	No ocorrências	%
<b>PARA</b>	3	12%	2	8%
<b>A</b>	9	36%	8	32%
<b>DE</b>	6	24%	7	28%
<b>EM</b>	4	16%	6	24%
<b>PELO</b>	2	8%	0	0
<b>COMO</b>	1	4%	0	0
<b>COM</b>	0	0	1	4%
<b>ATÉ</b>	0	0	1	4%
<b>TOTAL</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>

Analisando, a tabela 03, diferentemente do que ocorre com o verbo IR, percebemos poucas diferenças no que tange o uso de uma determinada preposição em detrimento de outro. Podemos evidenciar um sutil decréscimo no uso da preposição “para” – de 12% para 8% –, contrariando alguns resultados encontrados em outras pesquisas linguísticas (cf. seção 2.1). Parece-nos que em nossa amostra do PM escrito de Uberaba, o verbo IR está mais suscetível a variação no emprego de preposições introdutoras de argumento do que as que introduzem os complementos do verbo VIR. Um estudo mais aprofundando, envolvendo inclusive outros gêneros textuais presentes nos jornais, pode confirmar (ou não) a nossa hipótese.

Adiante, avaliamos se o tipo de sintagma nominal em função de sujeito – pronome, substantivo, nome próprio ou sintagma vazio – influencia na escolha do falante no uso da preposição. Cruzamos o resultado desse fator, como o tipo de preposição empregada e chegamos aos resultados apresentados nas tabelas 04 e 05 para o verbo IR:

**Tabela 04:** Grupo de fator “forma do SN” com verbo IR em 1937

<b>PREPOSIÇÕES COM IR EM 1937</b>											
“Forma do Sintagma”	do	PARA		A		DE		EM		COM	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Pronome		0	%	5	20%	0	%	1	4%	0	%
Substantivo		1	4%	8	32%	0	%	0	%	1	4%
Substantivo Próprio		0	%	7	28%	0	%	1	4%	0	%
Sintagma “Vazio”		0	%	0	%	1	4%	0	%	0	%
<b>TOTAL</b> (por preposição) (Leitura Vertical)		1	4%	20	80%	1	4%	2	8%	1	4%

**Tabela 05:** Grupo de fator “forma do SN” com verbo IR em 2010

<b>PREPOSIÇÕES COM IR EM 2010</b>											
“Forma do Sintagma”	do	PARA		A		ATÉ		COM		CONTRA	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Pronome		1	4%	3	12%	0	%	0	%	0	%
Substantivo		5	20%	7	28%	1	4%	0	%	1	4%
Substantivo Próprio		3	12%	1	4%	0	%	2	8%	0	%
Sintagma “Vazio”		0	%	1	4%	0	%	0	%	0	%
<b>TOTAL</b> (por preposição) (Leitura Vertical)		9	36%	12	48%	1	4%	2	8%	1	4%

Os resultados apresentados nas tabelas 04 e 05 demonstram que a preposição PARA, no ano de 2010, foi mais utilizada quando o sintagma nominal em função do sujeito é um substantivo. Também percebemos uma brusca queda em relação ao uso da preposição A, principalmente, quando associada ao substantivo próprio.

Já nas tabelas 06 e 07 abaixo temos os resultados para o verbo VIR:

**Tabela 06:** Grupo de fator “forma do SN” com verbo VIR em 1937

<b>PREPOSIÇÕES COM VIR EM 1937</b>												
“Forma do Sintagma”	PARA		A		DE		EM		COM		PELO	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Pronome	1	4%	0	%	1	4%	0	%	0	%	0	%
Substantivo	0	%	5	20%	3	12%	3	12%	1	4%	1	4%
Substantivo Próprio	2	8%	4	16%	0	%	1	4%	0	%	1	4%
Sintagma “Vazio”	0	%	0	%	2	8%	0	%	0	%	0	%
<b>TOTAL</b> (por preposição) (Leitura Vertical)	3	12%	9	36%	6	24%	4	16%	1	4%	2	8%

**Tabela 07:** Grupo de fator “forma do SN” com verbo VIR em 2010

<b>PREPOSIÇÕES COM VIR EM 2010</b>												
“Forma do Sintagma”	PARA		A		DE		EM		COM		ATÉ	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Pronome	0	%	0	%	0	%	0	%	0	%	0	%
Substantivo	0	%	3	12%	7	28%	5	20%	1	4%	0	%
Substantivo Próprio	2	8%	3	12%	0	%	1	4%	0	%	1	4%
Sintagma “Vazio”	0	%	2	8%	0	%	0	%	0	%	0	%
<b>TOTAL</b> (por preposição) (Leitura Vertical)	2	8%	8	32%	7	28%	6	24%	1	4%	1	4%

Já os dados das tabelas 06 e 07 provam que os diferentes sintagmas nominais (pronome, substantivo próprio, substantivo comum e sintagma vazio) em função do sujeito, quando comparados seus empregos em dois momentos distintos da língua (1937 e 2010), variaram pouco ou quase nada quanto ao uso de uma preposição em prejuízo de outra. Esse resultado contraria o encontrado por Wiedemer (2008), pois o fator “sintagma nominal na posição de sujeito” mostrou-se pouco relevante na análise dos dados, não sendo um fator motivador de variação no uso das preposições.

Por fim, ao verificarmos a influência da natureza semântica do complemento verbal, chegamos aos seguintes dados para o verbo IR:

**Tabela 08:** Grupo de fator “configurações do complemento verbal” com verbo IR em 1937

<b>PREPOSIÇÕES COM IR EM 1937</b>										
N Locativo	PARA		A		DE		EM		COM	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Lugar	0	%	7	28%	1	4%	0	%	0	%
Instituição	0	%	7	28%	0	%	0	%	0	%
Finalidade	1	4%	1	4%	0	%	1	4%	0	%

<b>Outros</b>	0	%	5	20%	0	%	1	4%	1	4%
<b>TOTAL</b>	1	4%	20	80%	1	4%	2	8%	1	4%
<b>(Leitura Vertical)</b>										

**Tabela 09:** Grupo de fator “configurações do complemento verbal” com verbo IR em 2010

<b>PREPOSIÇÕES COM IR EM 2010</b>										
<b>N Locativo</b>	<b>PARA</b>		<b>A</b>		<b>CONTRA</b>		<b>COM</b>		<b>ATÉ</b>	
	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
<b>Lugar</b>	1	4%	1	4%	0	%	0	%	0	%
<b>Instituição</b>	5	20%	8	32%	0	%	0	%	0	%
<b>Finalidade</b>	3	12%	0	%	0	%	0	%	0	%
<b>Outros</b>	0	%	3	12%	1	4%	2	8%	1	4%
<b>TOTAL</b>	9	36%	12	48%	1	4%	2	8%	1	4%
<b>(Leitura Vertical)</b>										

De acordo com o que vimos nas tabelas acima, o resultado mais relevante foi o aumento do número de ocorrências referente à natureza semântica do complemento verbal introduzidos pela preposição PARA dos tipos “N locativos” de lugar, de instituição e de finalidade, pois justifica o decréscimo do uso da preposição A, em relação aos já mencionados “N locativos”, juntamente com o verbo IR. Em seguida, averiguamos a influência da natureza semântica do complemento verbal com as ocorrências para o verbo VIR:

**Tabela 10:** Grupo de fator “configurações do complemento verbal” com verbo VIR em 1937

<b>PREPOSIÇÕES COM VIR EM 1937</b>												
<b>N Locativo</b>	<b>PARA</b>		<b>A</b>		<b>COM</b>		<b>ATÉ</b>		<b>EM</b>		<b>DE</b>	
	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
<b>Lugar</b>	0	%	6	24%	0	%	0	%	0	%	4	16%
<b>Instituição</b>	2	8%	1	4%	0	%	0	%	0	%	0	%
<b>Finalidade</b>	0	%	1	4%	0	%	1	4%	0	%	0	%
<b>Outros</b>	1	4%	1	4%	1	4%	1	4%	4	16%	2	8%
<b>TOTAL</b>	3	12%	9	36%	1	4%	2	8%	4	16%	6	24%
<b>(Leitura Vertical)</b>												

**Tabela 11:** Grupo de fator “configurações do complemento verbal” com verbo VIR em 2010

<b>PREPOSIÇÕES COM VIR EM 2010</b>												
<b>N Locativo</b>	<b>PARA</b>		<b>A</b>		<b>COM</b>		<b>ATÉ</b>		<b>EM</b>		<b>DE</b>	
	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
<b>Lugar</b>	0	%	6	24%	0	%	0	%	0	%	2	8%
<b>Instituição</b>	0	%	1	4%	0	%	1	4%	0	%	2	8%
<b>Finalidade</b>	2	8%	0	%	0	%	0	%	3	12%	0	%
<b>Outros</b>	0	%	1	4%	1	4%	0	%	3	12%	3	12%
<b>TOTAL</b>	2	8%	8	32%	1	4%	1	4%	6	24%	7	28%
<b>(Leitura Vertical)</b>												

Mais uma vez, comparando os dois momentos da língua, a respeito do verbo VIR, percebemos que não há mudanças significativas entre o início do século XX e o início do século XXI, de maneira que não se privilegia o uso de uma preposição por outra mediante a natureza semântica do complemento verbal.

Com bases nessas análises, ao compararmos os empregos das preposições introdutoras de argumentos em dois momentos distintos do Português Mineiro escrito de Uberaba (1937 e 2010), foi possível notar que houve uma maior variação no uso das preposições que acompanham o verbo IR do que as que acompanham o verbo VIR. Além disso, pudemos também observar, como já apontado por Berlinck (2000, 2001A, 2001B); Torres-Morais (2006), entre outros, uma variação em estágio avançado no uso das preposições **a** e **para**, em que a primeira está sendo menos utilizada em detrimento da segunda.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a teoria da variação linguística, ao analisar os resultados deste trabalho, percebemos que ele pode contribuir para o levantamento de informações acerca do português mineiro de Uberaba, e conseqüentemente, para o PB, caracterizando a língua que está (e esteve) em uso e não a regida nos manuais de gramáticas normativas.

A análise das ocorrências extraídas de nosso *corpus* oriundas de jornais de Uberaba, permitiu-nos verificar, principalmente, que as preposições A e PARA que acompanham os verbos IR, apresentam-se como variantes e configuram uma variação linguística em progresso. Entretanto, ainda não podemos afirmar se a variante PARA substituirá completamente a variante A.

Quanto ao verbo VIR, ao compararmos os dois momentos da língua, as análises das preposições que acompanham esse verbo evidenciaram, principalmente em relação ao verbo IR, poucas variações ou inovações nos usos e escolhas das preposições.

Ao longo da análise do *corpus*, também pudemos confirmar que o Português Mineiro escrito de Uberaba tem uma tendência ao uso da preposição PARA e uma queda na preposição A, assim como foram apresentados nos estudos de Torres-Morais e Berlinck (2006) e Wiedermer (2008). Além disso, observamos que alguns fatores linguísticos, como o traço semântico do argumento do verbo é um fator relevante na escolha das preposições. Entre os resultados, o mais relevante foi o acréscimo no uso da preposição PARA, ao inserir um complemento do verbo IR, introduzindo um “N locativo” lugar.

É importante mencionar também que com esses resultados, além de contribuirmos aos estudos sintáticos do português contemporâneo da cidade de Uberaba, também contribuimos para algumas reflexões pedagógicas. Como vimos o emprego de algumas preposições, como PARA já atingiu a escrita e compete com padrões normativos do português.

Portanto, espera-se que este estudo possa auxiliar para o avanço dos estudos linguísticos, assim como auxiliar no ensino de língua portuguesa nas escolas que, de antemão, adotam o padrão culto como forma privilegiada e única em seus programas de ensino.

Dessa forma, ressaltamos que ensinar a diversidade linguística é uma questão de cidadania e que instruir sobre as diferentes variedades ou sobre a gramática normativa é uma decisão política embasada nas conseqüências advindas de todos os setores da sociedade, principalmente quando essa decisão tem o intuito de segregar e rotular classes de falantes linguísticos em relação ao socioeconômico.

## 7. REFERÊNCIAS

ARCTICO, L. et al. As preposições “A” e “PARA” como verbo IR em jornais de Araraquara: um estudo variacionista. (Monografia de Final de Curso). Araraquara. UNIP, 2010.

- BARBOSA, J. B.; BALSALOBRE, S. G. A imprensa como fonte para pesquisas linguísticas. **Revista ANPOLL**, n 25, 2008, p. 63-86.
- BERLINCK, R. A.; BUENO, L. C. O. VARIACÃO & GÊNERO TEXTUAL: preposições em textos jornalísticos paulistas. **Anais do XV Congresso Internacional da ALFAL**. Montevideu: ALFAL, 2008, p.01-17.
- BERLINCK, R. de A. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (org.) **Fotografias Sociolinguísticas**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989. p.95-112.
- BERLINCK, R. de A. Sobre a posposição do sujeito nas comédias de José de Alencar. **Estudos Linguísticos**, v.28, p. 269-276, 1999.
- BERLINCK, R. de A., BARBOSA, J.B., MARINE, T. de C. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. **Revista da ABRALIN**, v.7, n.1, p. 53-79, jan./jun. 2008.
- BORBA, F. S. **Introdução aos Estudos Linguísticos**. Campinas: Pontes, 2003.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo. Editora Contexto, 2010.
- MOLLICA, M. C. de M.. A regência variável do verbo *ir* de movimento. In: SILVA, G. M. O. & SCHERRE, M. M. P. (org.) **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 149-167. (capítulo 6)
- MOLLICA, M. C. de M.. Influência dos fatores sociais sobre a regência variável do verbo *ir* de movimento. In: SILVA, Gisele M. O. & SCHERRE, Maria Marta P. (org.) **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 285-293. (capítulo 12)
- MOLICA, Maria Cecília e BRAGA Maria Luiza. **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- RIBAS, T. Regência dos verbos de movimento *ir*, *vir* e *chegar* na revista *Criativa* Apresentação no SILLEL, Uberlândia, UFU, 2007.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- TORRES-MORAIS, M.A.C.R.; BERLINCK, R.de A.; CYRINO, S.M.L. Comunicação apresentada no VII Seminário do Projeto **Para a História do Português de São Paulo**. Londrina, 2007.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Ed.). **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968.
- WIEDEMER, M. L. A regência variável do verbo *IR* de movimento na fala de Santa Catarina. Dissertação. (Dissertação de Mestrado). Santa Catarina: UFSC, 2008.